

Poesia e Não-Objeto

NILSON JOSE' DA SILVA SOUZA

MOSTRA-NOS a II Exposição Neoconcreta uma série de trabalhos, através dos quais é possível situar a problemática concreta no seu atual estágio.

A palavra, pela cisão em letra e sinal, coisificada, desvitalizou-se. Daí a inclusão necessária de outros elementos, condicionantes. O uso de outras relações (movimento, forma, som, côr, etc.).

Não se conseguiu, entretanto, um perfeito acôrdo estrutural. No poema neoconcreto, dada a inserção de elementos não lingüísticos, as palavras podem ser substituídas ou retiradas, em geral, sem que se perca a interação significativa.

O objeto e a palavra já não existem separados.

A palavra neoconcreta anula-se através das relações; ela fenece para que nasça o poema-objeto, ou melhor, um NÃO-OBJETO.

Este, não sendo real nem uma relação aparente, opõe-se ao símbolo, e existe a partir do momento em que é criado.

Será um objeto que «não se esgota nas referências de uso e de sentido», conforme declara Ferreira Gullar.

Contudo, como êle se tornará evidente à percepção de

um simples nexu fenomenológico de espaço e de tempo?

Quando estiver esgotada a relação palavras-objeto, o poema não pode renascer como Fênix.

Já estamos com algo de montagem-ideograma; de recurso, digamos, cinematográfico. E o único receio é que isso acabe com a poesia dita VERBAL.

Porque, ainda na tentativa de negar uma antinomia, o NÃO-OBJETO é definido como um NÃO-SER, autoexistente.

Contudo, por que um poema livre do seu próprio significado?

Não se pode apresentar, num fundo concreto, o que não é real.

Há um paradoxo entre o que DEVE e o que PODE SER EXPRESSO.

Partir da palavra, ou abandoná-la in totum; procurar um novo meio simbólico-plástico, ou reintegrar a palavra na sua função não apenas presente.

A teoria do não-objeto, embora esteticamente válida, apresenta, assim, na prática, dificuldades ainda insuspeitas.

Resta-nos aguardar as novas implicações do neoconcretismo, talvez mais férteis.